Agnieszka Kruk
Wydział Filologiczny
Instytut Neofilologii
Dyscyplina: Językoznawstwo

As dificuldades na tradução da literatura africana de expressão portuguesa: multilinguismo, oralidade, estranheza e imagem linguística do mundo

Resumo

Os Estudos da Tradução mais recentes apresentam um grande interesse pelos aspetos culturais da tradução. Um dos assuntos que exigem mais investigação é a questão das estratégias e técnicas da tradução da estranheza radical que aparecem na tradução de textos provenientes de culturas e línguas exóticas desde o ponto de vista do destinatário da tradução. Um exemplo deste tipo de textos é a literatura africana colonial e pós-colonial escrita em português. Por isso o objetivo do presente trabalho é distinguir as dificuldades que o tradutor da literatura luso-africana pode encontrar e analisar as suas soluções, assim como as influências das decisões tomadas pelo tradutor na receção da tradução.

A parte teórica concentra-se na procura das caraterísticas mais importantes das literaturas luso-africanas e na investigação sobre os desafios que o tradutor tem de enfrentar. Descrevemos as funções e o significado dos recursos tais como modificações linguísticas, multilinguismo e oralidade, concentrando-nos sobretudo nas dificuldades de mostrar o seu significado aos destinatários da tradução. Em seguida observamos os papéis exercidos pelo tradutor no processo de tradução visto como uma transferência intercultural e apresentamos quatro modelos de análise de tradução, que são o ponto de partida para a parte analítica. Os estudos de Katharina Reiss (2000), Juliane House (2000), Kitty van Leuven-Zwart (1989) e Antoine Berman (2009) possibilitam a análise dos exemplos no plano funcional, pragmático, linguístico e cultural. Entre as referências às teorias dos principais investigadores internacionais e polacos encontram-se estudos dos investigadores lusófonos, até agora pouco conhecidos na Polónia, tais como Paulo Rónai (1987), Inocência Mata (1998, 2015, 2019) e Teresa Seruya (2013), entre outros. Os trabalhos deles têm a ver sobretudo com as questões pós-coloniais na tradução, assim como a oralidade e o multilinguismo da literatura africana.

Na parte analítica investigamos quatro obras de escritores luso-africanos e as suas traduções para o polaco: *Terra sonâmbula* (1992) de Mia Couto (Moçambique)— *Lunatyczna*

kraina, na tradução de Michał Lipszyc (2010); Jaime Bunda, agente secreto (2001) de Pepetela (Angola) – Tajny agent Jaime Bunda, na tradução de Zofia Stanisławska (2010); A estória da galinha e do ovo (1964) de José Luandino Vieira (Angola) – Opowiastka o kurze i jajku, na tradução de Krystyna e Wojciech Chabasińscy (1978) e Historia kury i jajka, na tradução de Dorota Woicka e Zuzanna Jakubowska (2014); Nhô Chic Ana (1960) de Baltasar Lopes da Silva (Cabo Verde) – Nho Chic Ana, na tradução de Krystyna e Wojciech Chabasińscy (1978). Tentamos encontrar os elementos mais caraterísticos para cada uma das obras em questão, para depois observar como os tradutores transferiram esses elementos para a tradução.

A análise do material conduziu a várias conclusões. Observámos que muitos fragmentos podiam ser classificados como exemplos de várias deformações, o que significa que modificações, neutralizações ou omissões de um só elemento podem deformar a macroestrutura do texto em vários níveis.

A análise das técnicas empregadas pelos tradutores indica que na maioria das vezes conseguiram avaliar a importância dos recursos tipicamente literários, tais como neologismos, jogos de palavras ou empréstimos das línguas africanas e tentaram mantê-los na tradução. No entanto muitas vezes neutralizaram as caraterísticas que diferiam das normas estabelecidas na literatura polaça, como repetições, erros linguísticos e inclusão dos diálogos nas partes narrativas. No caso das crenças, o mais difícil foi mostrar a maneira animista de ver o mundo – neste caso os tradutores preferiam usas expressões e metáforas mais típicas da língua polaça.

Nos textos analisados apareceram quase todos os indícios de oralidade enumerados por Walter Ong (2011), o que prova a sua importância na literatura luso-africana. Os tradutores estão muito mais dispostos a manter os indícios de oralidade que correspondem às normas literárias polaças, como epítetos pitorescos, neologismos ou estilizações, mesmo que o seu uso exija mais criatividade do que o emprego dos recursos mais simples. No entanto custa-lhes mostrar a oralidade na tradução quando é contraditória às normas vigentes, como no caso dos erros linguísticos, inclusão dos diálogos nas partes narrativas, estilo coloquíal, frases curtas, repetições ou conjunções colocadas no início da frase. Os comentários do tradutor prescindíveis e as notas de rodapé demasiado longas interferem com a oralidade dos textos. Para a manter e sublinhar vale a pena explicar as palavras das línguas africanas no dicionário no final do livro em vez de acrescentar notas de rodapé. Do mesmo modo é mais propício explicar o contexto político e social das obras no prefácio ou no posfácio em vez de acrescentar longos comentários que perturbam a leitura.

Os autores muitas vezes usam vocábulos regionais ou emprestados das línguas africanas e modificam as expressões idiomáticas para mostrar as caraterísticas da realidade descrita no texto e para sublinhar a individualidade linguística e cultural das colónias e antigas colónias. Os tradutores são capazes de expressar o sentido das construções originais mediante equivalentes polacos, no entanto desta maneira muitas vezes perdem a força expressiva do provérbio original, o seu efeito cómico e jogos de palavras. Para manter a força das expressões caraterísticas da literatura africana o melhor é traduzi-las literalmente. No caso das expressões cuja tradução literal seria incompreensível para os destinatários é preciso acrescentar comentários, sobretudo quando o fragmento em questão se torna base de jogos de palavras ou alusões.

Para mostrar as caraterísticas da literatura luso-africana os tradutores devem introduzir na tradução elementos que produzem uma sensação de estranheza e que se afastam das normas da literatura-destino. Isso possibilita mostrar uma estética e uma imagem do mundo diferentes, na tentativa de manter a ética da tradução que, segundo Berman (2009: 250), consiste em receber "o outro enquanto Outro".

Palavras-chave: tradução, multilinguismo, oralidade, estranheza, imagem linguística do mundo

Aguieszka Knik